**Reflexão sobre o Livro POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO: do pensamento único à consciência universal - Milton Santos**

**Silmara Savoldi Pastore[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

As transformações políticas e econômicas ocorridas no mundo a partir da década de 1980, geraram profundas mudanças no modo de vida da população. Estes fenômenos podem ser conhecidos como neoliberalismos e/ou globalização. Para compreender esse processo, optei pela leitura da obra de Milton Santos: “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” (2003). Nesta obra, o autor analisa com profundidade as transformações das técnicas/tecnologias/aparatos que estão paralelamente ligadas ao cenário do capitalismo, que ao mesmo tempo, são conduzidas pelo grande capital econômico, apoiadas por muitos Estados, primeiramente, de países ditos desenvolvidos e, posteriormente, pelos Estados de países subdesenvolvidos. A difusão da globalização através das políticas econômicas utilizou-se de crescentes e novas técnicas de informação e comunicação para alcançar as mais distantes áreas do Planeta. Tais políticas econômicas se sobrepuseram aos Estados Nacionais. Consequentemente, atingiram povos, economias, culturas, enfim, a vida das pessoas em escala global. Uma das características da globalização foi a privatização de muitos setores públicos e a passagem do estado de bem estar social para o estado mínimo, isto é, menos Estado na intervenção da economia e mais marcado. Esse processo de globalização foi denominado pelo geógrafo Milton Santos de globalitarismo. Segundo este intelectual, o consumo passou a ser o grande fundamentalismo da sociedade contemporânea. Metodologicamente, realizei a leitura da obra supracitada. Após, realizei uma análise descritiva sobre o assunto. A oportunidade de estar em contato com está obra e com a exposição ideológica do autor, possibilitou-me, uma melhor compreensão do que foi, e do que ainda é, o processo de globalização, e seus efeitos perversos implicados sobre a maioria da população mundial e os bens naturais. A leitura desta obra possibilitou-me a reflexão sobre a sociedade que temos e consequentemente, sobre a necessidade de uma outra organização societária possível e necessária.

**Palavras chaves**: Globalização, capitalismo, consumo, reflexões

**DESENVOLVIMENTO**

 O que é globalização? E como chegamos a esse cenário? Essa e outras perguntas são objetos de estudos de Milton Santos, vinculados a ciência que diz respeito ao homem e as técnicas por ele produzida/criada/desenvolvida, entretanto ele relaciona a produção de “aparatos” a partir das necessidades “exageradas” e do frequente consumo. Na verdade nem sempre o homem esteve tão preocupado com a produção e consumo como atualmente. Nos séculos passados a produção acontecia de forma mais pacifica, se produzia e se consumia sem a preocupação de uma produção em grande escala. Nos dias atuais a produção acompanha o consumismo de maneira exagerada, onde ao mesmo tempo, o cidadão “comum” não consegue nem se quer abeirar-se das técnica mais simples presentes na sociedade.

 Neste contexto, Milton Santos, em seu livro “Por uma outra Globalização”, dialoga sobre o progresso das técnicas/tecnologia vinculados ao capitalismo. De forma crítica e argumentativa, nos permite adentrar neste “universo” globalizado onde a globalização pode ser vista como fábula, como perversidade e ao mesmo tempo como uma possibilidade de abertura para um futuro e/ou para uma nova civilização planetária.

 Milton Santos, nos faz refletir quando ele afirma que as técnicas da informação e da comunicação atingiram uma escala global generalizada, através dessa, participamos ativamente no compartilhamento de informações, que antes nos eram restritas. Nem sempre foi possível acompanhar os acontecimentos dos mais diversos países, mas nem por isso, podemos dizer que essas informações estão ao alcance de todos.

 De forma lógica, se entende que nos quatro cantos do mundo, toda a população do planeta se encontra integrada a técnica da informação, mas essa ideologia está longe de ser verdade. Milton Santos afirma que vivemos num mercado dominador/escravizador, que destaca uma homogeneização planetária da tecnologia, mas as diferenças são gritantes e profundas e que nunca estiveram tão vivas nesse cenário tanto dentro como fora do próprio território.

 Neste contexto, Milton Santos nos traz que, se retrocedermos historicamente ou cronologicamente, vamos perceber que na história da humanidade é a primeira vez que um conjunto de técnicas, sendo essa a tecnologia, envolve o planeta como um todo e faz sentir, instantaneamente, sua presença e, essa de forma totalitária, acaba que envolvendo a cada pais de forma direta ou indiretamente, permitindo conhecer o acontecer dos outros espaços/países/territórios.

 Porém, nessa técnica, nem tudo está ao nosso alcance, nos é liberado restritamente as informações do qual a classe hegemônica e/ou hierárquica acredita ser necessária, por isso de forma seletiva as grandes empresas divulgam as informações, de modo que eles terão o controle de quais informações os demais indivíduos da sociedade estão tendo acesso.

 Sendo assim, as informações do mundo globalizado acabam que de certa forma, se tornando “homogêneas” em “todos os espaços do planeta”. Mesmo sabendo que nessa aldeia global, como afirma Milton Santos, toda evolução, toda produção, seja ela em tempo real ou não, deveria ser patrimônio coletivo de “toda a humanidade”. Mas quem são os atores do tempo real? É uma pergunta que Milton nos faz refletir a respeito desse processo evolutivo e globalizado.

 Diante desse cenário social, o período histórico nos permite compreender que nenhum outro momento, como escreve Milton Santos ofereceu ao indivíduo a possibilidade de apreciar, de relacionar e de conhecer mais afinco e de certa forma mais “generalizada” e profunda esse planeta. Esses acontecimentos e essa evolução, nunca se viu antes na história e isso se deve ao progresso da ciência articulando com as criações técnicas. É por esse motivo, que todo esse processo de técnicas permite que o homem produza as mais diversas matérias primas, facilitando a produção e a criação de grandes invenções materiais.

 Toda essa produção de aparatos/técnicas informatizadas que testemunhamos nesses últimos anos, traz consigo a tirania, que de certa forma como diz Milton Santos, isso tudo acaba que por fornecer, uma base aos sistemas ideológicos, influenciando diretamente ou indiretamente na ética e no caráter dos indivíduos em suas relações sociais e interpessoais.

 Nesse contexto, todos esses fatores de mudanças sociais são provocados pelas mãos da hegemonia da sociedade e, esses, são de certa forma como afirma Milton Santos, incoercível, egocêntricos e contraditórios. O Ser humano, nos dias atuais vive a emergência do dinheiro, esse passou a ser o motor da vida econômica da sociedade e, todas as técnicas que nela possui, são utilizados por uma minoria, que de certa forma, atuam sobre seus principais objetivos particulares. Essas técnicas da informação, são de posse empresariais e buscam controlar o grande capital social, gerando assim, as desigualdades.

 Esse processo de técnicas da informação, proporcionou não só ao homem, mas em toda a sociedade um novo encantamento, um novo cenário, uma nova forma de viabilizar as informações. Ao mesmo tempo em que ela instrui o indivíduo com o que acredita ser necessário, busca convence-lo com seu discurso a consumir. Milton Santos alerta para as façanhas das publicidades, essas antecipam a produção, onde convencem o indivíduo a necessidade de consumir, mesmo antes de se ter o produto físico.

 . Com esse processo publicitário acirrado, as classes hegemônicas brigam pela sobrevivência, pela publicidade e pela concorrência de mercado. A competitividade entre as empresas, acaba se tornando uma disputa nos meios de comunicação. Milton Santos coloca que a publicidade na atualidade, tem um grande poder de persuadir sobre o ser humano, criando ilusões de necessidade, pensando sempre no consumo. Essa ação “competitiva” entre as grandes empresa como afirma Milton, acaba que por fazer “confusões” no entendimento do indivíduo, impedindo certas compreensões sobre o mundo, sobre a sociedade e até sobre si próprio. É como se o ser humano ficasse confuso com a quantidade de “informações” recebidas da mídia e ao mesmo tempo não consegue distinguir e/ou relacionar o que é útil e necessário, do supérfluo.

 Por isso, percebe-se que o marketing junto com a publicidade, comandam também nossas inações dentro desta sociedade, que por inerência nos obriga a comprar. Essa ação do homem proporcionou uma grande expansão capitalista de forma que esse processo só se estabelece se a concorrência estiver presente, porém não de forma pacifica, mas de maneira violenta onde realmente possa permanecer, instigar e influenciar marcando seu território sem “fronteirização” dentro do pensamento do indivíduo, tornando assim, o ápice do consumismo, do capitalismo e da produção empresarial.

 Neste sentido, percebe-se o quanto as empresas batalham umas contra as outras, batalham para se manter em prioridade no mercado, batalham para competir, batalham contra o marketing, contra a publicidade, batalham pelo horário nobre da informação e batalham para persuadir o indivíduo, gerando assim um desconforto no verdadeiro sentido do que é ser concorrente. Milton Santos faz uma análise entre o competir e o concorrer entre as publicidades empresariais, segundo ele concorrer é algo saudável, respeitável e que de certa forma estabelece algumas regras, mas o competir está vinculado a violência a, ao poder, ao querer, provocando muitas vezes, a perda dos valores morais, éticos, políticos e até filosóficos.

 Desse modo, com essa globalização e a luta para se manter no “topo do mercado”, tanto nas grandes cidades como também nas pequenas regiões, as empresas, são “obrigadas” a competir pelo espaço, pela produção e consumo, tornando-se uma regra de convivência, por isso como afirma Milton Santos, o consumo, tornou-se um dos grandes denominadores da sociedade e junto dele está o dinheiro que regula as particularidades de cada ser humano, impondo-se assim, uma nova noção de riqueza.

 Estamos cercados por ideologias que geram o consumo e essa tecida junta com a informação, formam o motor das ações públicas e privadas, que de certa forma, o entendimento e a compreensão de nossa sociedade está nos reflexos do consumo e da competitividade empresarial. Esse progresso da publicidade atuando com persuasão sobre o indivíduo, proporciona uma busca incessante para o consumo, para o ter e, muitas vezes essa avalanche da insistência midiática publicitaria, leva o ser humano a um empobrecimento moral, intelectual e reflexivo. O cidadão confronta-se diariamente com objetos que o faz esquecer que são meros mecanismos para torna-lo, principal alvo do consumo social.

 Todos esses objetos como afirma Milton Santos, são aparatos reais, que são apresentados pela mídia, pela publicidade não apenas como um discurso para serem consumidos, são apresentados com um discurso ideológico, que nos instiga ao “querer”, ao ter e, propriamente nos convoca a um comportamento que não faz parte de nossa personalidade e/ou da nossa identidade. Todas essas ideologias depositadas no discurso, estão a serviço do mercado.

 Neste cenário “a serviço do mercado”, Milton Santos coloca que a globalização e as técnicas se tornam cada vez mais importantes e as nações poderosas muitas vezes se tornam reféns do mercado e da própria política. Sendo assim, todo esse processo resulta em um conjunto de estruturas, sendo eles: o dinheiro, a competitividade e a potência. Essa tríade nos leva, ou deveria transportar ao indivíduo, uma reflexão a respeito de estarmos vivendo em uma sociedade globalitarista, uma sociedade onde a hegemonia tem o poder de impor regras a uma camada popular de forma a manipula-la, a domina-la tanto no âmbito econômico como no social.

 Diante disso, com a globalização vem a perversidade e o estado puro como afirma Milton Santos, sofre com a violência estrutural, perversa e imperativa, uma perversidade que atinge não só a política, mas todos os gêneros que da sociedade fazem parte, seja eles interpessoais, de classes, regionais ou internacionais, uma perversidade que provoca mudanças nas conduções das políticas que por si só, acabam provocando uma desordem social, introduzindo a pobreza, o desemprego e a própria exclusão de indivíduos na sociedade.

 Todo esse sistema capitalista, globalizado, mascara as consequências populacionais e diante desse cenário como afirma Milton Santos, milhões de indivíduos morrem todos os dias antes do quinto dia de vida, a fome não é algo que está isolada, ela passa a atingir mais de 800 milhões de pessoas em todo o mundo, tornando-se assim, algo generalizado e permanente. Mas não é somente isso, bilhões de pessoas ingerem diariamente água sem tratamento, impropria para o consumo, o desemprego invade de forma desordenada as mais diversas cidades deste planeta e a pobreza aumenta cada vez mais, onde milhões de pessoas passam a sobreviver com menos de um dólar por dia. Isso está se tornando algo natural e normal nesse universo globalizado, tecnicista e altamente capitalista.

 Na medida em que as consequências vão aparecendo, “graças” a intervenção da globalização, percebemos que diversas técnicas vão se incorporando para tornar o trabalho do homem mais dinâmico, mais resistente, incorporando menos esforços na produção. O trabalho que antes era braçal é substituído por um apanhado de técnicas, do qual contém resistência e multiplica a produção em uma escala elevada, que supera o esforço dos indivíduos, tornando assim, o trabalho humano subordinado as técnicas/aparatos e máquinas.

 Essa nova forma de vida, de trabalho e de sobrevivência na sociedade, torna o indivíduo menos solidário, mais individualista, menos moral, menos ético, com um único propósito: competir e produzir o que interessa a si e ao mercado, ao comercio. E por isso Milton Santos, esclarece que a globalização é dicotômica, de um lado estão os materiais para a base da produção, da comunicação, dos transportes e do outro as produções que proporcionam as relações entre os países, classes e os próprios indivíduos.

 Essa globalização que nada mais é, um mecanismo que integra todos os continentes, todos os países na economia, ligados pelas empresas, pelos governos, dispostos a comercializar produtos, por uma única causa: o capital financeiro, ou seja, o dinheiro. Através dela é criada diversas redes de conexões comerciais, atingindo as mais diferentes fronteiras, onde a distância passa a não mais existir, unindo as relações culturais e econômicas de maneira rápida e eficiente.

 Por isso, com essa globalização, os espaços geográficos como nos diz Milton Santos, passam a ganhar novos contornos, novas faces, novas expressões, novos significados, novas dimensões e novas características, trazendo à tona um novo percurso a história. Onde todo e qualquer espaço geográfico se torna recurso de funcionalidade para empresas e estados. Esse fenômeno que nos torna mundialmente conectado, acelera a economia para alguns e, para outros se torna escassa, de modo que o entendimento desse mundo moderno e sistêmico não chega por eles serem interpretado.

Portanto, para a grande parte da população pobre e miserável como afirma Milton Santos, compreender esse mundo moderno e globalizado, torna-se confuso, nebuloso e abstrato, é uma realidade que não “pertence” a essa parcela da sociedade a não ser, quando querem atingir um percentual totalitário de indivíduos com seus discursos publicitários. Sabemos que as propagandas trazem ideologias centralizadas no consumo, por esse motivo, tornam-se seletiva, complexa e penetrável, induzindo quem realmente vai trazer-lhes benefícios, sendo assim, a mídia trabalha com o propósito de transformar as pessoas em objeto de mercado.

**REFERÊNCIAS**

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

1. Mestranda do Curso de Pós-Graduação Profissional em Educação - PPGPE - Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. [↑](#footnote-ref-1)